

A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo

Juliano Del Gobo
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Juliano Del Gobo
(Organizador)

A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia frente ao contexto contemporâneo [recurso eletrônico] /
Organizador Juliano Del Gobo. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2018. – (A Psicologia Frente ao Contexto
Contemporâneo; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-016-2

DOI 10.22533/at.ed.162181912

1. Psicologia. 2. Psicologia e sociedade. 3. Pessoas – Aspectos
sociais. I. Gobo, Juliano Del. II. Série.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O termo psicologia deriva da união das palavras gregas “psiché” e “logos”, traduzidas como o estudo da alma, mas apesar de suas origens terem raízes tão antigas como as primeiras hipóteses e teorias sobre o funcionamento psicológico. Ao longo de sua história, a psicologia esteve situada no campo da metafísica, em torno de interesses relacionados à essência do ser humano, a partir de questões como O que é a alma e onde ela está? O que possuímos ao nascer? Como conhecemos? Qual é a natureza humana?

Sua identidade atual é muito mais recente e nasceu em meio a ebulição científica na Europa do século XIX, tendo sido preciso se reinventar para atender aos critérios de cientificidade daquele tempo histórico e se constituir como ciência independente. A ciência nascida na Europa do século XIX ao desembarcar nos EUA do século XX foi demandada a torna-se um campo aplicado, onde passa a assumir um lugar social a partir de práticas psicológicas.

A partir do momento em que um conjunto de teorias e práticas vão sendo reconhecidas pelo corpo ampliado dos sujeitos que convivem em determinado tempo e cultivam de mesmos costumes, elas passam a influenciar as formas de reprodução da vida, pois tornam-se parte da cultura. Discutir a Psicologia como produto e matéria-prima da Cultura humana é reconhecê-la a partir de duas importantes características: a diversidade de suas produções e sua origem e continuidade histórica, refletindo a relação dialética entre as demandas e necessidades do conjunto ampliado da sociedade em dado tempo histórico.

Nesta obra, a consciência histórica da Psicologia é cobrada na qualidade ou condição de ser contemporânea, isto é no desafio de se reconhecer como parte da construção de seu próprio tempo histórico, a partir de reflexões e produções teóricas e práticas que abordam questões históricas, mas que se tornam emergentes na medida que nosso tempo histórico ousa enfrentá-las. Uma obra como essa é sempre muito importante porque traz ao centro do debate sobre a vida coletiva em sociedade e a concretude das condições de vida dos sujeitos, as quais são objeto de abordagem e análise. Em resumo, trata-se de introduzir uma discussão histórica, sociológica e filosófica a respeito do mundo que vivemos, das formas dominantes de existir no mundo e de como as PsicoLOGIAS contemporâneas são modos de tomar partido em relação às situações da vida cotidiana (FIGUEIREDO, 2015, p.30).

Dentro deste livro, estão contidas produções necessárias ao contexto contemporâneo, produções com posicionamento ético e também político diante de uma grande diversidade de temas e abordagens realizadas pelos autores. Assim, a diversidade de temas que o leitor encontrará nessa obra se une na medida que os debates estão sempre permeados pela posição ética e pela consciência de que a Psicologia tem responsabilidade com seu tempo histórico e com a vida coletiva.

Como a história segue seu próprio curso e qualquer tentativa de controle e previsão

sobre ela se mostram limitados, é necessário antes de tudo assimilar a contribuição importante do campo teórico e político da psicologia social, a qual revela que não há neutralidade na ciência e na prática da psicologia, uma vez que ela ou fornece elementos para a manutenção da estrutura social vigente ou para a transformação no modo de vida e da maneira de conceber os diferentes sujeitos na sociedade.

Desejemos aos leitores que desfrutem dessa obra e se deixem inundar com a profundidade dos artigos que seguem.

Juliano Del Gobo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MULHER E TRABALHO: UM ESTUDO PRELIMINAR DO JÁ-DITO ESTEREOTIPADO	
<i>Rosângela Rocio Jarros Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819121	
CAPÍTULO 2	15
PSICOLOGIA, PODER E SEXUALIDADE: A FIGURA CONTEMPORÂNEA DO INTERSEX E AS NOVAS PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO	
<i>Jônatas Mota Leitão</i>	
<i>Luiza Maria Silva de Freitas</i>	
<i>Paulo Germano Barrozo de Albuquerque</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819122	
CAPÍTULO 3	30
POVOS ORIGINÁRIOS E POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL: A QUESTÃO DA TERRA	
<i>André Valécio</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819123	
CAPÍTULO 4	42
IDENTIDADE MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE: NOVAS SÍNTESES DIALÉTICAS	
<i>João Pedro Vilar Nowak de Lima</i>	
<i>Jeferson Renato Montreozol</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819124	
CAPÍTULO 5	54
O SABER PSICOLÓGICO E A ADOLESCÊNCIA: A NECESSIDADE EM CONSIDERAR INTERSECCIONALIDADES	
<i>Isadora Oliveira Rocha</i>	
<i>Gláucia Ribeiro Starling Diniz</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819125	
CAPÍTULO 6	68
DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO À INSPIRAÇÃO DE UMA PRÁTICA GRUPAL: CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN	
<i>Barbara Maria Turci</i>	
<i>Eliane Regina Pereira</i>	
<i>Emerson Fernando Rasera</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819126	
CAPÍTULO 7	80
ENTRE TELAS E CENAS DA RUA: A MEDIAÇÃO AUDIOVISUAL NO ENCONTRO COM VIDAS OUTRAS NAS CIDADES	
<i>Allan Henrique Gomes</i>	
<i>Orlando Afonso Camutue Gunlanda</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819127	
CAPÍTULO 8	95
O QUE PODE O CORPO EM CENA NA CIDADE?	
<i>Antônio Vladimir Félix-Silva</i>	
<i>Cássio Marques Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819128	

CAPÍTULO 9 109

ENTRE O PROTAGONISMO JUVENIL E A TUTELA DA JUVENTUDE: POSSIBILIDADES DA PARTICIPAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO POLÍTICA

Lara Brum de Calais

Juliana Perucchi

DOI 10.22533/at.ed.1621819129

CAPÍTULO 10 125

MEMÓRIA E MILITÂNCIA FEMINISTA NO ENFRENTAMENTO DA HUMILHAÇÃO SOCIAL

Mariana Luciano Afonso

DOI 10.22533/at.ed.16218191210

CAPÍTULO 11 130

ENFRENTAMENTOS, RESISTÊNCIAS E SOBREVIVÊNCIAS NOS RAPS DO GRUPO REALIDADE NEGRA DO QUILOMBO DO CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA

Renata Câmara Spinelli

DOI 10.22533/at.ed.16218191211

CAPÍTULO 12 147

RODAS DE CONVERSA DIALÓGICAS: O ESPAÇO DA LIBERDADE PARA DIZER A PALAVRA

Erlândia Silva Pereira

Maristela de Souza Pereira

Rogério de Melo Costa Pinto

Helena Borges Martins da Silva Paro

DOI 10.22533/at.ed.16218191212

CAPÍTULO 13 162

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E ESTEREÓTIPOS NA CONSTRUÇÃO DO AUTOCONCEITO DE CRIANÇAS

Erik Cunha de Oliveira

Saulo Santos Menezes de Almeida

Juliana Souza Vaz Ribeiro

Alexsandro de São Pedro Santiago

DOI 10.22533/at.ed.16218191213

CAPÍTULO 14 171

DA PATOLOGIZAÇÃO AO DIREITO À SAÚDE DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM DOCUMENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Roberta Cristina Gobbi Baccarim

Grazielle Tagliamento

DOI 10.22533/at.ed.16218191214

CAPÍTULO 15 186

CAPTURA E REGULAÇÃO: INVESTIMENTOS BIOPOLÍTICOS NA SAÚDE DA POPULAÇÃO TRANS

Júlia Arruda da Fonseca Palmiere

Anita Guazzelli Bernardes

DOI 10.22533/at.ed.16218191215

CAPÍTULO 16 196

A CONSTRUÇÃO DA FAMÍLIA HOMOPARENTAL E A SUA PRESENÇA NA LITERATURA INFANTIL

Hudson Henrique de Oliveira Masferrer

Emerson Fernando Rasera

DOI 10.22533/at.ed.16218191216

SOBRE O ORGANIZADOR 210

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E ESTEREÓTIPOS NA CONSTRUÇÃO DO AUTOCONCEITO DE CRIANÇAS

Erik Cunha de Oliveira

Universidade Salvador
Feira de Santana - Bahia

Saulo Santos Menezes de Almeida

Universidade Salvador
Feira de Santana - Bahia

Juliana Souza Vaz Ribeiro

Universidade Salvador
Feira de Santana - Bahia

Alexsandro de São Pedro Santiago

Universidade Salvador
Feira de Santana - Bahia

RESUMO: O presente artigo propõe uma análise qualitativa com finalidade de identificar a atribuição de estereótipos raciais apresentados pelas crianças. Neste estudo compreende-se que as crenças, destacando os estereótipos, tem papel importante no processo de desenvolvimento das crianças. Para este estudo, foi necessária a participação de 20 crianças, com faixa etária entre 8 a 11 anos de idade, ambos os sexos. Foram utilizadas entrevistas com roteiro pré-estabelecido, onde elas eram solicitadas a apresentar traços e conteúdos estereotípicos atribuídos pela própria criança e por agentes socializadores a si mesmo e a outras crianças. As crianças participantes desta pesquisa apresentaram crenças fundadas no

processo de socialização e mostraram o quanto os agentes socializadores são importantes no desenvolvimento do ser humano, na construção da sua identidade, uma vez que as crianças introjetam as normatividades sociais aprendidas em seu meio social.

PALAVRAS-CHAVE: Estereótipos Raciais; Autoconceito; Construção de Traços e Conteúdos Estereotípicos;

ABSTRACT: This article proposes a qualitative analysis to identify the attribution of racial stereotypes presented by children and to analyze the influence of socializing agents in the construction of traits and stereotypical contents. In this study, it is understood that beliefs, highlighting stereotypes, play an important role in the development process of children. For this study, it was necessary the participation of 50 children, with age group between eight and 11 years of age, both sexes. Interviews with pre-established script were used, where they were asked to present stereotypical traits and contents attributed by the child and by socializing agents to himself and other children. The children participating in this research presented beliefs based on the socialization process and showed how socializing agents are important in the development of the human being, in the construction of their identity, since children introduce the social norms learned in

their social environment.

KEYWORDS: Racial Stereotypes; Self-concept; Construction of Traits and Stereotypical Contents;

1 | INTRODUÇÃO

O desenvolvimento cognitivo social e moral na infância tem papel fundamental na construção do autoconceito, por atribuir significado as suas percepções e concepções diante dos ambientes socializadores. No decurso da construção do autoconceito, a compreensão dos movimentos sociais, gestos ou ações despertam nas crianças interesses em entender os sentidos dos comportamentos realizados por outras pessoas, e principalmente de como deduzimos esses comportamentos e ações nos grupos dos quais estamos inseridos, implicando na percepção da criança sobre si.

O progresso do desenvolvimento cognitivo concede a criança um papel de sentimento de obrigatoriedade em se comportar de maneira diferente nas suas interações sociais, nas quais elas precisam respeitar as regras. As regras morais que a criança aprende a respeitar, são transmitidas pela maioria dos adultos. Isso significa que a elas já chegam elaboradas, porém não na medida de suas necessidades e interesses, mas de uma única vez através da sucessão ininterruptas das gerações adultas anteriores (Piaget, 1994).

A construção do autoconceito na infância faz parte do processo de desenvolvimento de cada ser humano e essa percepção sobre si impactará a sua formação nos mais diversos aspectos da sua existência. E como acontece essa construção em crianças de cor de pele negra que carregam na sua história, estereótipos que desqualificam a imagem do negro construída ao longo de uma história deturpada por interesses sociais e políticos da classe dominante europeia?

Segundo (Pereira, 2016; Souza, 2016) a categorização das pessoas em grupos tem sido considerada uma condição suficiente para a ocorrência do preconceito e, em consequência, da discriminação. O mecanismo psicológico responsável por explicar a relação categorização-preconceito envolve a formação dos estereótipos.

Os estereótipos possuem uma função cognitiva para a organização da informação em heurísticas que simplificam a realidade social, identifica-se também uma função social muito importante: a racionalização e a justificação da discriminação e consequentemente o comportamento (Pereira, 2016; Souza, 2016).

A estereotipização é um fator constantemente presente na vida da pessoa negra, visto que desde a infância são poucos os referenciais positivos que as mesmas encontram para a identificação, Silva (2016).

As crianças, quando não se permitem a escolher e decidir, estarão aptas somente a seguir a vontade dos outros, traçando que a intervenção familiar ou de autoridade

torne-se decisiva para o seu desenvolvimento. Portanto, a construção do autoconceito na infância faz parte do processo de desenvolvimento e essa percepção sobre si impactará a sua formação nos mais diversos aspectos da sua existência. Sendo assim, o processo de socialização é fator determinante na forma como os indivíduos vão entender e se comportar no mundo.

As crenças, atitudes e comportamentos dos indivíduos são fortemente atingidos pelos aspectos familiares, grupais e pessoais, e essas crenças vão ser salientes nas respostas às ameaças que ocorrerem em sua vida. Ramires (2003) argumenta que durante o desenvolvimento cognitivo a criança passa a assumir papéis diferentes nas suas interações sociais, até chegar a um papel mais participativo.

Pesquisa realizada por Nadal, em 2007, expõe que os valores morais, os vínculos afetivos estabelecidos com alguns familiares e outras pessoas de referência, bem como a aprendizagem através do exemplo, são as características que mais se destacam no que tange ao desenvolvimento pessoal dos sujeitos, fornecendo-lhes a base da sua autoestima, do seu autoconceito positivo e da sua autoconfiança. No entanto, nota-se que as pesquisas que enfocam a associação da formação dos estereótipos, do desenvolvimento moral e o seu impacto no desenvolvimento psicossocial das crianças ainda necessitam ser destacadas, principalmente no que concerne o entendimento da influência dos principais agentes socializadores na construção da identidade racial das crianças.

Compreende -se que o racismo interfere diretamente na construção da subjetividade e Silva (2016 apud SILVA, 2004) afirma que o mesmo altera os processos de subjetivação e de autoconceito da pessoa negra, desvalorizando a sua autoimagem, provocando um sentimento de inferioridade. A autora descreve a infância como um período fundamental para constituição psíquica e acredita ser de grande importância estudar os efeitos do racismo na saúde mental das crianças, trazendo à tona os impactos do uso de estereótipos que atuam como ferramentas eficazes para o mecanismo de uma sociedade racista.

Compreender os processos psíquicos na formação da cognição é demonstrar que as pessoas formulam e organizam informações em esquemas que os facilitem, futuramente, acessar a memória, comparando-as com assuntos ou cenas ao que não são. A construção de traços e conteúdos estereotípicos certificam como os indivíduos são capazes de recordar as informações mais fáceis. Como estruturas mentais existentes, eles ajudam a compreender a complexidade da vida social (Pereira, 2013).

O desenvolvimento moral e social é um processo contínuo da vida de cada ser humano, desde o ato da percepção de si até o último dia de vida. As crianças em seu desenvolvimento constroem esquemas sobre o mundo físico e social, fenômenos decorrentes das interações do indivíduo com o seu meio, a partir dos ambientes socializadores que o mesmo está inserido. Tanto a perspectiva Piagetiana, quanto a perspectiva da cognição social, visam compreender como os estereótipos e

categorias são apreendidos pelas crianças e como as mesmas formulam crenças e concebem esquemas a partir de eventos socializadores. Piaget (1974), a partir de seus experimentos e observações, propôs que a forma pela qual às crianças lidam com as regras, com a justiça e a moral varia no decorrer do processo de seu desenvolvimento.

Desta forma, este trabalho buscou investigar como as crianças em processo de socialização são capazes de avaliar e atribuir traços e conteúdos estereotípicos a outras crianças por serem brancas ou negras, numa tentativa de ratificar a tese de que as crianças constroem crenças com conteúdo e traços estereotípicos diferentes dos apresentados pelos agentes socializadores, e como essa construção interfere no desenvolvimento de crenças na formação do seu autoconceito.

2 | METODOLOGIA

Neste projeto foi inserida uma proposta metodológica qualitativa na qual o primeiro ponto inicial foi de estudo bibliográfico para que se pudesse investigar e entender o papel das crianças e dos agentes socializadores na sociedade quando se tratava de conceitos de autoimagem, identidade social, estereótipos e relações intergrupais. O estudo bibliográfico teve como objeto de estudo analisar profundamente conceitos relevantes do que se busca compreender em pesquisa de campo.

A amostra foi composta por 20 crianças em idade escolar e que aceitaram juntamente com a devida autorização dos responsáveis a participarem da pesquisa. A pesquisa de campo foi realizada na cidade de Feira de Santana – Bahia, localizada no interior do sertão baiano, a 110 quilômetros da capital. Participaram desta pesquisa crianças entre 8 a 11 anos de idade, sendo 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino.

A coleta de dados inicialmente utilizou de um questionário de identificação elaborado com a finalidade de se obter informações gerais sobre os participantes, isto é, nome, sexo, idade, dados escolares e familiares. Por conseguinte, as crianças foram entrevistadas utilizando um roteiro pré-estabelecido, onde elas eram solicitadas a apresentar traços e conteúdos estereotípicos atribuídos pela própria criança e por agentes socializadores, ou seja, pais, professores e amigos, a si mesmo e a outras crianças brancas e negras. Após a entrevista as crianças foram solicitadas a desenhar sua própria auto imagem juntamente de uma criança branca e outra negra, e suas respectivas representações sociais e morais. As perguntas dirigidas foram elaboradas a partir dos conceitos de autoimagem, identidade social, estereótipos e relações intergrupais.

Os responsáveis pelas crianças receberam um termo de consentimento que respaldavam todas as informações necessárias a serem executadas durante a pesquisa, orientando e esclarecendo o uso de questões éticas a serem cumpridas. Foram realizadas entrevistas aleatórias com as crianças que se propuseram e se sentiram confortáveis a realizar o procedimento da pesquisa.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas 20 entrevistas, com aproximadamente 1 hora de duração para cada entrevistando, com crianças de diversos contextos culturais, aos quais tiveram autorização dos responsáveis para a realização da entrevista. As crianças pertenciam a ambientes socializadores diferentes uns dos outros, com o objetivo de se obter uma visão ampla e compreensão dos atributos mais importantes da pesquisa.

A pesquisa visou a obtenção de informações que permitam a identificação dos principais atributos associados aos estereótipos raciais, a construção de autoconceitos das crianças, as relações dos agentes socializadores e o nível de desenvolvimento cognitivo de crianças. Os dados obtidos foram utilizados, em conjunto com as informações da revisão da literatura, na elaboração do questionário e na análise dos resultados.

Seguem os principais pontos apresentados pelas crianças nas entrevistas:

As relações entre as crianças de diversas culturas são harmônicas, porém, a nível de brincadeiras nos horários de intervalos da escola. Tais relações em outros meios sociais se distanciam, isto é, um grupo não faz conjunto com o outro, não a uma junção de grupos em outros contextos além da escola. Existem poucas interações entre os adultos e/ou pais e crianças que os façam a gozar sobre diferenciações de grupos e/ou culturas, desenvolvendo um olhar ou comportamento verbal crítico/discriminativo nas crianças.

Existem regras que são impostas pelos próprios pais que vão de contra vontade das crianças de se autoconhecerem e se relacionarem com crianças de outros grupos sociais. Disto isso, evidenciam que as regras morais as quais as crianças aprendem a respeitar, são elaboradas e/ou transmitidas pelos adultos durante o seu desenvolvimento. Poucas entrevistas apontaram intervenções positivas dos pais em deixar a criança vivenciar outros ambientes diferentes do de costume.

As crianças carecem de necessidades e interesses em poder se descobrirem, isto é, investigar sobre o seu meio externo, o que está ao seu redor/alcance, não apenas objetos como estímulos, mais vivenciar de outros eventos que possam contribuir para seu desenvolvimento cognitivo, construir seus esquemas diante das experiências, aprender com outras crianças os seus costumes e hábitos culturais. Durante as entrevistas foram notados essa carência, criança se fixar apenas ao grupo que está incluído, sendo restringido de conhecer os colegas de escola fora do ambiente escolar. Segundo Jean Piaget (1994) os valores morais são construídos a partir da interação do sujeito com os diversos ambientes sociais e será durante a convivência diária, principalmente com o adulto, que ela irá construir seus valores, princípios e normas morais.

As crianças estão cada vez mais interessadas em entender os sentidos de ações e/ou movimentos realizados por adultos diante de determinada cultura enraizada de

valores, crenças e normas, nas quais demonstram um maior interesse a grupos aos quais não pertencem, e quando são bloqueadas a entender e buscar informações que tornem-se ao seu alcance, evidenciam de que chegaram a outros estágios da vida com uma compreensão de mundo já formulada pelos próprios adultos.

Os resultados encontrados sugerem que as crianças participantes apresentam crenças fundadas no processo de socialização e manifestaram-se o quanto os agentes socializadores são e os fazem importantes no desenvolvimento do ser humano, na construção da sua identidade, uma vez que as crianças introjetam as normas sociais aprendidas em seu meio social.

Verificou-se que as crianças tornam-se dependentes dos adultos com relação a sua própria construção social, nas quais os adultos interferem no desenvolvimento da criança com relação as suas necessidades de aprender particularmente com o seu contexto. Percebe-se que as crianças constroem esquemas diante de sua convivência com os próprios pais a qual estão sempre assimilando informações que são codificadas no ambiente familiar e levando para ambientes socializadores como a escola e amigos, tentando entender os informes a partir de outros grupos sociais, podendo assim acomodar-se com as informações esquematizadas. Discursos por auto relato sobre diferenças e características de ser negro e ser branco foram bastantes presentes nos resultados, expondo de como as crianças são capazes de codificar informações facilmente diante do seu contexto social.

Contudo, as crianças passam a aprender e respeitar as normas sociais elaboradas pelos próprios pais sem ao menos entender por si só suas próprias indagações ou dúvidas, tais normas são transmitidas pelos adultos, evidenciando de que elas já chegaram na vida adulta com regras já construídas, no entanto, não na capacidade de suas necessidades e interesses em entender o mundo com seus próprios questionamentos, pois, elas tendem sempre a buscar informações a seu alcance.

Tem-se notado que as crianças demonstram curiosidade em entender muitos gestos ou expressões que são realizados pelos adultos que fazem parte da sua existência, como o professor e os pais. Isto é, questionam-se quais seriam os significados para tal reação do outro quando não se responde verbalmente. O interesse em entender e buscar informações adequadas é o que Piaget (1996) definiu como processo de assimilação e acomodação, o sujeito passa a compreender os artefatos coletados diante do seu meio social, e quando não relacionado de forma adequada busca investigar desde de outros métodos que façam o seu entendimento mais completo.

Foram apresentados nos resultados de que crianças quando não compreende assuntos e referências dentro de um contexto ao qual está inserido, destinam-se a outros meios que os mesmos frequentam buscando compreender as informações coletadas. Os esquemas de assimilação se modificam conforme com os estágios de desenvolvimento do indivíduo e consistem na tentativa destes em solucionar situações a partir de suas estruturas cognitivas e conhecimentos anteriores. Ao entrar em

contato com a novidade, retiram dele informações consideradas relevantes e, a partir daí, há uma modificação na estrutura mental antiga para dominar o novo objeto de conhecimento, gerando o que Piaget denomina acomodação (Piaget, 1996).

As informações estão cada vez mais se direcionando as crianças nos preceitos de se autoconhecerem e se diferenciarem a partir de suas posturas sociais, no modo de se vestir, andar e viver. Na pesquisa, as crianças demonstraram grande interesse em relacionar as cores de pele, nos modos de como vivem e quais são as características que fazem ser diferentes um do outro, a qual demonstraram informações de que ser negro e ser branco existe uma diferença, e de acordo com essas informações foram notadas índices de rejeição e favoritismo por parte dos agentes socializadores presentes na vida da criança, apresentando questões relacionadas a estereótipos negativos advindos dos adultos, interferindo nas construções sociais dos de menores.

A partir dos estudos sobre desenvolvimento cognitivo juntamente a conceitos relativos a estereótipos e autoimagem, notou-se nos resultados que as crianças codificam e constroem traços e conteúdos estereotípicos por influências de agentes socializadores perante aos grupos sociais que os mesmos frequentam, armazenando as informações em estruturas mentais e assimilando essas referências com outras experiências em grupos socializadores.

Em suma, o desenvolvimento moral e social é um processo contínuo da vida de cada ser humano, desde o ato de inserção no mundo até o último dia de vida, as crianças em seu desenvolvimento constroem esquemas que são princípios sobre os mundos físico e social, fenômenos decorrentes das interações do indivíduo com o seu meio, a partir dos ambientes socializadores que o mesmo está inserido.

Quanto a construção da autoimagem a partir de conteúdos estereotípicos, os dados analisados revelam que existe a relação entre a percepção dos aspectos sociais construídos ao longo da história sobre a imagem de desvalorização à pessoa de cor de pele negra e que estes aspectos ainda persistem na construção da identidade social e pessoal das crianças. A estereotipização é um fator constantemente presente na vida da pessoa negra, visto que desde a infância são poucos os referenciais positivos que as mesmas encontram para a identificação, Silva (2016).

As crianças pesquisadas apresentam um discurso não racista e anti preconceito, entretanto, nas representações lúdicas através dos desenhos, os conteúdos estereotípicos aparecem nas associações dos espaços de convivência, moradia para os grupos sociais diferentes para brancos e negros, além das características físicas e sociais que representam claramente a percepção construída por cada uma delas sobre o meio em quem as pessoas negras e brancas estão inseridas.

Revelam de forma sutil nas suas falas e desenhos suas preferências sobre crianças brancas ou negras para determinadas atividades como traz o relato: “para jogar bola eu prefiro brincar com um negro pois é mais rápido e possui habilidades físicas melhores, já para jogar videogame prefiro o branco pois tem mais acesso a tecnologias”. As crianças que conhecem e utilizam as categorias étnico-raciais, em

suas brincadeiras e interações, não selecionam seus pares em função da cor da pele, mas as crianças negras manifestavam o desejo de ter características associadas ao grupo 'branco' como cabelo e cor da pele. (Oliveira, 2016)

A relação estabelecida entre as crianças e seus ambientes socializadores, principalmente a escola, apontam como um espaço de reforço a hostilidade contra as pessoas de cor de pele negra mesmo pregando a igualdade e o respeito as diferenças com a sua base curricular. Este espaço foi o mais citado pelas crianças pesquisadas como o local, em que a história das pessoas negras no Brasil é vinculada a imagem dos escravos, fedorentos, preguiçosos e marginais. As crenças e os valores racistas influenciam a constituição da identidade das crianças levando estas a desprezarem seus atributos físicos principalmente na questão do cabelo e da cor da pele (Oliveira, 2016).

Destaca-se que as crianças participantes desta pesquisa apresentaram crenças construídas a partir de estereótipos negativos sobre pessoas negras e pensando no processo de socialização, estas crianças apresentaram o quanto os agentes socializadores são importantes no seu desenvolvimento, na construção da sua identidade, uma vez que elas introjetam as normas e crenças aprendidas em seu meio social.

Silva (2016 apud Paré, 2005) diz que a autoestima depende da qualidade das relações existentes entre a criança e os que desempenham papéis importantes em sua vida. Embora haja valorização da criança na família negra, ela se defronta com uma batalha de autovalorização interna proveniente das relações adversas que encontra fora dela. Nessa perspectiva os dados encontrados não foram suficientes para corroborar com as discussões já existentes sobre a influência dos estereótipos na construção de autoconceito em crianças e se faz necessário ampliar a coleta de dados em busca de resultados mais fidedignos.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo investigar de como as crianças em processo de socialização são capazes de avaliar e atribuir traços e conteúdos estereotípicos a outras crianças por serem brancas ou negras, numa tentativa de ratificar a tese de que as crianças constroem crenças com conteúdo e traços estereotípicos diferentes dos apresentados pelos agentes socializadores. O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como as crianças são impactadas pelos adultos e ambientes que estão inseridos durante o seu desenvolvimento cognitivo.

Os questionários juntamente a elaboração de desenhos realizados pelas crianças apresentaram devidamente os contextos sociais e culturais que as crianças frequentam ou desejam frequentar durante o processo de seu desenvolvimento, possibilitando assim maior interesse em desenvolver habilidades que possam lhe atribuir significados

futuramente.

Os estudos do desenvolvimento cognitivo e do autoconceito evidenciam-se que as crianças não podem ser confinadas a processos de um desenvolvimento em particular, isto é, precisam se relacionar a outros grupos sociais que possam salientar suas necessidades e interesses em desvendar o mundo externo relacionado não apenas a objetos-estímulos, mas sobretudo, as relações interpessoais e grupais. E que por diante, as crianças possam construir suas próprias percepções sobre si e do mundo. A construção do autoconceito na infância faz parte do processo de desenvolvimento de cada ser humano e essa percepção sobre si impactará a sua formação nos mais diversos aspectos da sua existência.

Os indivíduos devem estar relacionados às mais amplas influências da cultura, instituições educacionais e os diferentes grupos sociais, com os quais o indivíduo se identifica e com as quais ele interage. Ou seja, instituições, tradições históricas e cultura determinam o contexto de desenvolvimento cognitivo. Assim, em comparações transculturais e sociais, todo o conjunto de ações e contextos sociais pertencentes à experiência normal deve ser considerado, constituindo-se como referencial para o estudo da conduta dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, P. **Para uma teoria da socialização**. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXI, 2011, p. 121-139.

ALMEIDA, S.; FRANÇA, D. & CERQUEIRA-SANTOS, E. (2012). **Análise do autoconceito e autocontrole de crianças negras a partir da identidade social**. Dissertação de Mestrado não-publicada.

ALMEIDA, A. M. O., & SANTOS, M. F. S. (2011). **Representação Social**. In C. V. TORRES & E. R. NEIVA. Psicologia Social Temas e Vertentes. Porto Alegre: Artmed.

CAMINO, L., & TORRES, A. R. R. (2011). **Origens e desenvolvimento da Psicologia Social**. In A. R. TORRES, L. CAMINO, M. E. O. LIMA & M. E PEREIRA (Orgs). Psicologia Social: temas e teorias (1ª ed.). (pp. 23-101). Brasília: Technopolitik.

FLAVELL, J. H.; MILLER, P.; MILLER, S. A. **Desenvolvimento Cognitivo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999. 341 p.

PEREIRA, M. E. (2002). **Psicologia Social dos Estereótipos**. São Paulo: EPU.

SCHALLER, M. (1991). **Social categorization and the formation of group stereotypes: Further evidence for biased information processing in the perception of group-behavior correlations**. European Journal of Social Psychology, 21, 25-35.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-016-2



9 788572 470162